



CONGRESSO INTERNACIONAL COLOCA A MORTE EM PERSPETIVA

Entre os dias 21 e 24 de Fevereiro, Guimarães acolheu o I Congresso Internacional A Morte: Leituras da Humana Condição, que contou com a participação da Associação Portuguesa dos Profissionais do Sector Funerário e o patrocínio da Servilusa. Abordar o tema da morte, como parte da vida, através de diferentes perspetivas – da filosofia à religião, sem esquecer a medicina, o direito, a comunicação social, as artes e até o humor – foi o objetivo deste evento organizado pelo Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização.

ESTUDAR, DESMISTIFICAR E DEBATER A MORTE E O PROCESSO DE LUTO

Vamos entrar no sétimo ano do programa de promoção do estudo e da desmistificação da área do luto e de todo o processo de fim de vida desenvolvido pela Associação Portuguesa dos Profissionais do Sector Funerário (APPSF). Em 2012, quando decidimos, em parceria com a Servilusa, partilhar o *know-how* desenvolvido com profissionais de outras áreas e com as famílias, cedo percebemos a grande necessidade que as pessoas tinham de formação, de informação e de partilha de conhecimentos, de ideias e de experiências, no fundo, de validação de competências e de sentimentos. Assim, no total, promovemos mais de 1150 ações para um conjunto de 19 mil formandos, o que corresponde a mais de 75 mil horas de formação.

O processo de fim de vida, o apoio ao luto, como comunicar a morte, o luto na terceira idade, o luto infantil, apenas para mencionar alguns dos temas abordados, dotaram os formandos de ferramentas para lidarem com estas questões de uma forma mais natural, mas também mais consciente e profissional. O sucesso destas ações só foi possível graças ao trabalho dos melhores psicólogos da área no país, o que nos permitiu, inclusivamente, além do programa de formações, editar em português obras de referência internacional e publicar o *Guia Prático de Apoio ao Luto*, um manual que reflete a nossa experiência, ao longo destes sete anos, que nos tornou na entidade de referência nacional para abordar o tema do luto.

Foi nessa qualidade de referência na matéria que fomos convidados para nos associarmos, com o patrocínio da Servilusa, ao I Congresso Internacional A Morte, que se realizou em Fevereiro, em Guimarães. Tratou-se, como se pode ler nesta *Newsletter*, de uma ação abrangente, que soube trazer à discussão muitos especialistas da área e que seguramente será um marco para conseguirmos lutar contra o tabu da morte e do processo de luto, ainda muito enraizado na comunidade portuguesa.

Através da sua atividade e do seu contributo para iniciativas como esta, a APPSF continua concentrada no objetivo de tornar a morte e o luto processos mais esclarecidos, mais informados, apoiados e validados, tornando-os, assim, menos dolorosos e desgastantes para os profissionais e para as famílias. É também por isso que iremos continuar a investir no debate dentro das comunidades, promovendo a discussão pública destes assuntos e a criação de grupos de entretajuda e de partilha de experiências. Isto porque, apesar de o processo de luto ser um caminho muito pessoal e único, não é certamente isolado. A partilha pode contribuir para que o caminho possa ser realizado de forma mais apoiada e tranquila.



**PAULO MONIZ
CARREIRA**

Presidente da APPSF



I CONGRESSO INTERNACIONAL A MORTE DAR PERSPETIVA À CONDIÇÃO HUMANA

"Leituras da humana condição" foi o tema que deu o mote ao I Congresso Internacional A Morte, que se realizou de 21 a 24 de Fevereiro, em Guimarães, com o patrocínio da Servilusa. A Associação Portuguesa dos Profissionais do Sector Funerário (APPSF) fez parte do programa científico – com o tema "o luto infantil" – contribuindo para um painel que abordou a morte de perspetivas tão distintas como o humor, a medicina, o direito ou as artes.

✍ ANA FERNANDES E VANESSA BILRO 📷 CORTESIA DA ORGANIZAÇÃO

O Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães, foi o local escolhido para ver nascer o I Congresso Internacional A Morte: Leituras da Humana Condição – uma organização do recém-criado Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização (IEAC-GO) –, por analogia ao facto de ter sido também esta a cidade que viu nascer Portugal. Assim foi frisado na cerimónia de abertura por Paulo Alves, presidente da Comissão Científica do Congresso. Já sobre a definição do programa científico, a presidente da Direção do IEAC-GO, Eugénia Magalhães, sublinhou, em entrevista à *Newsletter i-nova*, a forma multidisciplinar e, por isso, global, que norteou a organização: "Procurámos abordar o tema da morte num amplo leque interdisciplinar, privilegiando, é certo, as ciências sociais humanas, mas sem descurar as artes, as ciências médicas e as novas tecnociências."

Foram oito painéis temáticos os que apresentaram as perspetivas sobre a inevitabilidade da vida, que é a morte, procurando, segundo afirmou a presidente da Direção do IEAC-GO, cumprir uma ambiciosa lista de objetivos (ver "Objetivos do Congresso). Ambicioso foi também o painel de preletores convidados, que ao responderem afirmativamente ao convite para debater a morte enquanto condição humana, fazem depreender que este é um tema pouco abordado, mas que há cada vez mais necessidade de falar sobre ele.



O “desfile” de ilustres começou logo na cerimónia de abertura, que contou com a presença do presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Domingos Bragança; e do Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga. Seguiu-se a conferência proferida pelo humorista Ricardo Araújo Pereira. “O humor e a morte”, que fez arrancar o programa científico deste pioneiro congresso e também, como não podia deixar de ser, algumas gargalhadas ao público, mantendo-se, por isso, a tendência para uma forma diferente de abordar um tema que nos continua a inquietar e a incomodar, embora todos os dias sejamos confrontados com ele.

OBJETIVOS DO CONGRESSO

- 1 Compreender as mudanças profundas em curso na(s) sociedade(s) atual(ais) relativamente ao tema da morte.
- 2 Procurar entender como é que a velhice, associada à morte e à degeneração, passou a ser entendida como uma doença – ou até uma «praga» – contra a qual é preciso lutar (a luta anti-idade, graças aos progressos biomédicos e à chamada “biogerontologia”).
- 3 Dar-se conta da emergência de um biopoder e de uma bioeconomia (biovalor, biocapital) e de um biocontrolo (transplante de órgãos, terapias genéticas, fabrico de tecidos de substituição, engenharia genética, etc.). Uma medicina regenerativa que não procura apenas a cura, mas o prolongamento da vida.
- 4 Definir medicamente a morte: morte cerebral, morte funcional, morte orgânica, morte tecidual.
- 5 Escutar várias “narrativas” acerca da morte: nos achados arqueológicos, na arte, na literatura, na música, no cinema, etc.
- 6 As cerimónias funerárias em diferentes culturas, nas religiões. Enterrar os mortos: uma obra de misericórdia. Práticas funerárias atuais. A cremação, as implicações jurídicas e o alcance social (o desaparecimento dos corpos).
- 7 Perceber em que medida a morte também pode ser uma libertação (a tradição platónica, mas também em certas fundamentações acerca da eutanásia).
- 8 A morte na cidade (organização urbanística e cemitérios).

11 PERSPECTIVAS SOBRE A MORTE

Basta ligar a televisão, o rádio ou abrir um jornal para recebermos um sem fim de notícias que nos lembram a nossa finitude, mas que também têm o poder de nos fazer ver o mundo com outros olhos. É, pois, no equilíbrio noticioso que faz com que o mediatismo da morte tenha apenas um peso positivo na sociedade que reside o desafio de comunicadores, jornalistas e editores, como foi discutido numa das mesas-redondas paralelas que iniciaram após a abertura dos trabalhos. “A decisão jornalística: Quando a morte (não) é notícia” foi o tema que sentou à mesma ▶



RICARDO ARAÚJO PEREIRA | HUMORISTA

“ENQUANTO ESTÁ TUDO BEM NÃO HÁ RAZÃO PARA RIR”

Como é que enquanto humorista e ateu lida com a morte?

A minha presença aqui não tem a ver com o facto de ser ateu, mas de ser humorista e a forma como os humoristas lidam com a morte pode dizer-se que, mais do que interessante, é fora do vulgar. No meu caso concreto, e sendo eu ateu, como disse, o que acho que nos acontece quando morremos é que vamos exatamente para o mesmo sítio onde estávamos antes de termos nascido. Não é bom, nem é mau, não tenho grandes recordações desse tempo, mas a sensação que tenho é que estava sossegado e que não tinha grandes inquietações. O que acho que o humor ajuda a fazer é a aliviar um pouco o peso dessa ideia terrível que é o facto de termos consciência da nossa própria extinção. É uma informação com a qual é difícil conviver. E o humor talvez torne esse convívio um bocadinho mais fácil.

As pessoas estão a ficar mais despertas para debater o tema da morte?

Acho que não. Apesar de haver um corpo de anedotas que é uma espécie de micro-literatura popular, que trata o tema, nós, e todos os outros povos, pelo menos os ocidentais, evitamos falar da morte.

mesa jornalistas de diferentes meios, moderados por Joaquim Franco, da SIC.

Além destas – a do humor e a dos meios de comunicação social – foram mais nove as perspetivas que, ao longo dos três dias de congresso, captaram a atenção de centenas de participantes que quiseram refletir sobre o tema da morte. Como notou Eugénia Magalhães, “além de profissionais que queriam saber como é que outros profissionais de outras áreas olhavam e estudavam esta área; também se inscreveram profissionais que, não estando ligados a qualquer corrente de investigação, procuraram o Congresso para encontrarem respostas às dúvidas que surgem na sua atividade profissional (como é o caso dos colaboradores de Instituições Particulares de Solidariedade Social ou, mesmo, sociólogos e psicólogos); e ainda pessoas que quiseram refletir sobre o sentido da vida, não estando profissionalmente ligadas ao tema”.

APPSF ABORDOU O LUTO INFANTIL

Considerando a estrutura definida para este momento científico, a APPSF, através da sua formadora, a psicóloga Ana Santos, aceitou a responsabilidade de abordar um dos temas mais difíceis

do programa – o luto infantil. “O luto é um processo complexo: é sistémico, social e individual”, lembrou a psicóloga e formadora da APPSF. O que pode parecer a resposta mais fácil, para os adultos, não é necessariamente a que as crianças precisam nem mesmo a que elas conseguem entender. Por isso “torna-se fundamental refletir sobre as especificidades do luto infantil, explorando-as a partir dos mitos que orientam a ação de muitos adultos”, justificou.

Neste contexto, a sua preleção baseou-se “na dimensão intrapessoal (a vivência interna da criança, as suas emoções, pensamentos, comportamentos), mas também interpessoal (a relação com os outros e a revisão da relação com a pessoa perdida) para a abordagem a algumas noções importantes sobre o luto infantil, desmitificando ideias como: ‘ainda bem que aconteceu quando era novinha’, ‘falei-lhe só da estrelinha no céu’, ‘o tempo ajuda’, ‘não lhe vou falar do funeral!’, ‘não vou chorar à frente dela’”.

Em suma, “através do Modelo Integrativo Focado no Processo de Luto, foram dadas pistas para respostas que desmistificam as perguntas mais comuns, criando momentos de reflexão com o objetivo de ajudar os adultos a olhar de outra forma para o luto infantil e os profissionais a descobrir a complexidade das tarefas terapêuticas envolvidas”, concluiu Ana Santos.

DR. NUNO GIL | DIRETOR DO CENTRO DO PULMÃO DA FUNDAÇÃO CHAMPALIMAUD

“A MORTE É UMA PODEROSA AFIRMAÇÃO DA VIDA”

Qual a importância de abordar o tema da morte em várias vertentes, como foi feito no I Congresso Internacional A Morte: leituras da Humana Condição?

A morte é a maior das certezas que qualquer ser vivo tem. No entanto, para a espécie humana este destino irrecusável e imutável parece ser algo que se aceita nas sociedades ditas desenvolvidas com muita dificuldade, seja porque surge em idades muito jovens, e a sensação de injustiça fica a pairar (essas pessoas não puderam usufruir de uma vida longa), seja porque, mesmo em idade avançada, parece haver uma contínua aspiração à imortalidade (como se nunca houvesse uma idade certa para morrer). Mais, atualmente o facto de morrer significa um fracasso e é muitas vezes atribuído à negligência médica (mais do que propriamente ao curso natural da vida).

Poder abordar este difícil tema nas suas mais variadas vertentes (religiosa, sociológica, psicológica, antropológica e outras) veio permitir recentrar-nos na essência da vida humana (que não existe sem o necessário passo da morte) e poder refletir sobre o seu significado à luz de tanto conhecimento acumulado pelas diversas áreas do pensamento humano. Permitiu desfazer, de alguma forma, a carga negativa que a morte ainda exerce sobre nós.

Quais os desafios de “Comunicar a morte”, tema que o levou ao Congresso?

Na minha comunicação procurei resumir aquilo que, ao longo de anos de experiência de médico, fui adquirindo sobre o significado da palavra morrer. Através da apresentação de um caso da vida real, em que foi necessário comunicar a alguém o diagnóstico de doença incurável, fui resumindo os vários passos que aprendi sobre os métodos de comunicar más notícias, as estratégias para minimizar o sofrimento e as formas de estabelecer um prognóstico vital (prognosticar e tudo o que de incerto tem).

Embora existam tantos conhecimentos já sedimentados e tantas técnicas



já estabelecidas sobre a comunicação das más notícias, acabo refletindo sobre o que o profissional de saúde sente quando não só tem de dar más notícias, como o que o processo de morte dos seus pacientes lhe produz emocionalmente. E falo de sentimentos de dor pessoal (perdas insubstituíveis) e de saudade, para os quais não fui nem estou ainda preparado.

De qualquer modo o convívio pessoal e quase diário com a morte permitiu-me não só aceitar a minha própria finitude e morte, como aprender a valorizar o que de importante conta na vida.

Que conclusões retira desta primeira experiência de Congresso dedicado ao tema da morte?

Confesso que foi uma experiência pessoal muito intensa. À medida que fui elaborando a apresentação fui revivendo tantos momentos de partilha emocional humana (serena e agradável, mas também, por vezes, profundamente dolorosa) pelos quais já passei. Depois deixei que a música que introduzi na apresentação falasse mais alto do que as minhas palavras. A morte é uma poderosa afirmação da vida.